

O Brasil pode ser afetado pela chamada “doença holandesa”

Entrevista
Prof. José Goldemberg

Físico formado pela Universidade de São Paulo, com pós-graduação em universidades do Canadá e dos EUA e doutorado pela USP, o professor José Goldemberg tem um extenso e qualificado currículo. Gaúcho de Santo Ângelo, Goldemberg é membro da Academia Brasileira de Ciências e coleciona vários prêmios da comunidade científica brasileira e internacional, publicou centenas de trabalhos e ocupou postos importantes, entre eles foi secretário de Ciência e Tecnologia da Presidência da República, de Meio Ambiente no Governo de São Paulo e ministro da Educação. Em entrevista ao Informativo ABAG, o professor comentou sobre energia renovável e as oportunidades que o Brasil deve aproveitar na produção de alimentos e energia.

O Brasil está numa posição confortável, em comparação a outros países, isso pode prejudicar a geração de energia renovável?

Hoje, metade da energia usada no Brasil é renovável. Uma boa parte da eletricidade provem das hidroelétricas e do uso de produtos vegetais, como bagaço de cana, etanol ou até outros produtos de florestas, como por exemplo, papel de celulose, com emprego de outros biocombustíveis que não o etanol. Isso vai indo muito bem.



O risco principal enfrentado pelo Brasil no momento é a euforia criada em torno do pré-sal. Existem preocupações de que o encorajamento dado pelo governo a essas fontes renováveis, antigamente chamadas de alternativas, diminua. Como por exemplo, energia eólica, uma fonte

entrando agora e com importância no Norte do país, não no Nordeste, mas no Norte. Há uma preocupação que o governo perca o interesse. Até a produção de eletricidade com bagaço de cana não teve muito sucesso nas últimas reuniões da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), porque o governo fixou um preço máximo muito elevado. Um pouco mais de entusiasmo do governo por bagaço de cana teria propiciado a aprovação de mais projetos.

É preciso reagir contra essa euforia, porque o pré-sal, quando produzir petróleo, será num prazo de 5 à 10 anos, a custo elevado e numa época em que o uso do petróleo está ficando pouco popular. Como por exemplo, os países da Europa estão começando a taxar a utilização do petróleo além do custo, pois é um produto caro para produzir.

O petróleo foi inventado pelo diabo, ele é conveniente e difícil de lidar. Colocar todas as fichas no pré-sal é correr atrás de uma ilusão. O risco chama-se “doença holandesa” – quando descobriu petróleo no Mar do Norte a Holanda se tornou tão próspera que se descuidou do resto e se desindustrializou. Quando a produção dos postos de petróleo e gás do Mar do Norte começou a cair, o país entrou em crise.

Qual sua visão de futuro para que o Brasil se estabeleça como líder na oferta de alimentos e de energia?

O Brasil irá desperdiçar uma oportunidade única na sua história se abandonar essas opções. A literatura universal está cheia de artigos com as pessoas lamentando os problemas com água e produção de alimentos na África e em alguns lugares da Ásia, o Brasil tem tudo isso. Realmente tenho dificuldade em acompanhar a literatura porque são muitos artigos sobre a escassez de água. Exatamente a água que temos em grande abundância aqui. Então essa é a ocasião de efetivamente nos tornarmos numa espécie de celeiro do mundo.





**Luiz Carlos Corrêa
Carvalho (Caio)**
Presidente

Com a missão de atuar em questões transversais e que permeiem todas as cadeias produtivas do agronegócio brasileiro, a ABAG busca foco na segurança alimentar e energética. Nosso compromisso como entidade guarda-chuva é com a sustentabilidade do setor. Para isso, devemos ingressar em questões fundiárias, crédito e seguro rural, comércio internacional, comunicação e até mesmo na educação. Falar aos estudantes e futuros profissionais sobre o potencial do agronegócio.

Com efetiva participação dos associados, concentraremos esforços em ações estratégicas para tratar dos assuntos acima elencados. A visão sempre será das seguranças alimentar e energética. Desenvolveremos um trabalho junto ao Legislativo e Executivo Federal e Governos Estaduais e no assessoramento às entidades setoriais do agronegócio.

Nessa edição apresentamos os principais pontos discutidos no XXII Fórum Abag “Despertar para a Rio+20”, realizado no último dia 9 de fevereiro, em São Paulo. O objetivo foi de apresentar aos representantes do governo as preocupações do agronegócio. Se a Rio-92 despertou a visão da sustentabilidade, a Conferência das Nações Unidas - Rio+20 será um novo despertar para as inseguranças reinantes em muitos países?

O agronegócio tem peso muito expressivo nesse cenário econômico-social e nas tendências da economia verde. O governo brasileiro deveria levar para a Rio+20 uma proposta simples e objetiva sobre o desenvolvimento sustentável, com a qual todos concordariam: uma agenda mundial voltada para a segurança alimentar e energética com sustentabilidade que resulte, por exemplo, no compromisso de acabar com a fome de 200 milhões de pessoas em um prazo de 10 anos. Paralelamente, deveria ser proposto também imposto zero para produção de energia renovável.

Já o objetivo global de redução da pobreza requer alimentos e energias acessíveis às populações de mais baixa renda com redução das emissões. O tema é absolutamente prioritário e global. Não obstante, a manutenção da biodiversidade e dos ecossistemas dependerá das ações público-privadas em cada país. É nessa realidade que o Brasil tem a grande oportunidade de se tornar o líder mundial na oferta de alimentos e de energias, de modo a mudar a face da geopolítica mundial de forma profunda.

A ABAG já está debatendo fortemente essas questões em reuniões, fóruns e encontros, que continuarão na pauta até a realização do 11º Congresso Brasileiro do Agronegócio, que acontecerá em 06 de agosto de 2012. Conclamamos a todos para participarem juntamente conosco desse processo, em busca de um diálogo franco com o governo e a sociedade em prol do agronegócio brasileiro.

XXII Fórum Abag

Despertar para a Rio+20

No dia 9 de fevereiro, a ABAG promoveu o XXII Fórum sobre um tema que vem preocupando muitos especialistas e autoridades, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável - Rio+20, que acontecerá de 20 a 22 de junho no Rio de Janeiro.

O Fórum ABAG “Despertar para a Rio+20” reuniu especialistas governamentais que estão diretamente envolvidos com a preparação da Conferência: o embaixador André Corrêa do Lago, chefe do Departamento de Meio Ambiente e Temas Especiais do Ministério das Relações Exteriores; Fernando Antonio Lyrio Silva, assessor extraordinário para a Rio+20 do Ministério do Meio Ambiente; e Erikson Camargo Chandoha, secretário de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

O principal objetivo do encontro dos especialistas com as lideranças empresariais do agronegócio brasileiro foi antecipar como se encaminhará a discussão em relação aos temas centrais da Rio+20, desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza. Tal ponto tem relação direta com o agronegócio na medida em que a própria Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu que ele deve ser tratado no contexto da economia verde, definida como aquela que resulta em melhoria do bem-estar das pessoas, em razão de uma maior preocupação com a equidade social, com os riscos ambientais e com a escassez dos recursos naturais.

Os dois princípios levantados pelo MAPA fazem parte de um documento denominado “A Contribuição da Agricultura Brasileira na Construção de uma Economia Verde e na Erradicação da Pobreza”. Em fase final de elaboração, o documento, cuja íntegra será debatida na Rio+20, representa o posicionamento oficial do Ministério em relação à conferência.

Além de encontros com técnicos e dirigentes da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), o grupo de trabalho também está se encontrando com diversos parlamentares, 32 câmaras setoriais e temáticas, lideranças no Congresso Nacional e também com todas as entidades que representam os vários segmentos do agronegócio, incluindo a ABAG.

Os palestrantes do Fórum ABAG estão envolvidos diretamente com a preparação da Rio+20 e possuem longa experiência no tema ambiental. O embaixador André Corrêa do Lago, por exemplo, foi o chefe da delegação brasileira durante a 16ª Cúpula da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP17), realizada em dezembro, em Durban, na África do Sul.

O Fórum Abag também contou com uma participação virtual especial. O professor José Goldemberg, uma das maiores autoridades brasileiras em energia, gravou um vídeo com suas opiniões e análises sobre as perspectivas da Rio+20. Nela, ele faz um comparativo entre as decisões tomadas durante a conferência de 1992 e as possibilidades concretas da Rio+20.



XXII Fórum Abag

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)
Presidente da Abag



Diferentemente das Conferências de Estocolmo-72 e da Rio-92, a Rio+20 ocorre numa nova era das commodities, quando se avaliam as emissões de carbono com o uso crescente de recursos naturais, com a clara limitação da expansão da oferta de produtos no curto prazo e com as ligações entre esses recursos como água e energia e os impactos da degradação. Como o agronegócio é chave para a criação da “economia verde”, além de elemento central em assegurar a oferta de alimentos e de energia renovável nas limitações físicas conhecidas, é absolutamente prioritário o tema para o Brasil, candidato natural a liderar tal movimento e foco das ações da ABAG.

Ingo Plöger
Diretor da Abag



A Rio+20 não tem ainda um objetivo qualificado e conclusivo, o governo brasileiro poderia propor uma meta concreta e mobilizadora como foi a redução de CO₂ proposta em 1992. Temos hoje no mundo 1 bilhão de pessoas passando fome. Temos uma corresponsabilidade humanitária de propor, por exemplo, acabar com a fome de 200 milhões de pessoas em 10 anos. Teríamos uma pauta mobilizadora, com objetivo claro, permitindo que todos os países pudessem atingir a meta como acontece hoje com a redução de CO₂. Do contrário, teremos mais uma carta de intenções e esperamos a Rio+30 ou a Rio+50 para que alguma ação seja feita.

Erikson Camargo Chandoha
Secretário de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)



Uma das queixas frequentes é a de que nós somos a sede da conferência e temos um modelo mundialmente reconhecido em termos de equilíbrio no tripé econômico, ambiental e social, mas não temos espaço no documento que está em análise. O país possui uma série de cases na área agrícola que são exemplares em termos de mitigação do efeito estufa e causam impacto positivo em todo o mundo. Um deles é que devemos recuperar, até 2020, cerca de 15 milhões de quilômetros quadrados de terras degradadas, uma extensão equivalente ao território da Itália ou toda a área plantada da Argentina. Se não fosse o ganho de produtividade do agronegócio brasileiro nos últimos anos, teríamos que dobrar a extensão de terra usada hoje para produção, o que representaria um enorme desmatamento.

Fernando Antonio Lyrio Silva
Assessor extraordinário para a Rio+20 do Ministério do Meio Ambiente (MMA)



É positiva a mobilização que a conferência está gerando na sociedade brasileira. Noto que a mobilização de hoje não aconteceu, com a mesma intensidade da Rio-92. Vale observar ainda que ela vai além das questões ambientais, envolvendo também o desenvolvimento econômico. Há atualmente uma maior interligação entre os setores, fazendo reduzir o maniqueísmo que costuma dominar o debate em torno de questões ambientais. Hoje nós já percebemos, por exemplo, que o processo de redução do desmatamento não prejudicou o desenvolvimento econômico. Essa mobilização em torno do tema deve continuar após o término da conferência e esse tende a ser o principal legado da Rio+20.

Palestras e Debates

Prof. José Goldemberg
USP - depoimento gravado em vídeo



A Conferência do Rio de Janeiro, em 1992, foi sobre meio ambiente e desenvolvimento, que despertou grande entusiasmo entre os ambientalistas e reuniu mais de 120 chefes de estado. Na Rio-92 foram adotados dois documentos legais: Convenção do Clima e a Convenção da Biodiversidade. Na realidade, foi uma exortação a Agenda 21, que norteou o comportamento de vários países, sobretudo de governos locais, prefeituras, governos estaduais e outros. A conferência desse ano não despertou ainda o mesmo entusiasmo, inclusive no governo brasileiro. É preciso um trabalho importante para atrair chefes de estado e esse trabalho ainda não foi feito. Há um documento básico, preparado pelas Nações Unidas, que é uma espécie de atualização da Agenda 21. Esse será o único documento que vai emanar da conferência. Isto é, nenhum instrumento com força legal emanará da Rio+20. O documento das Nações Unidas ainda está em discussão, é relativamente fraco, poderia ser melhorado. Seguramente, o enorme potencial que o Brasil tem de produzir alimentos e energia renovável deveria ter um documento com uma ênfase maior. Essa é uma oportunidade perdida. Organizações, como a ABAG, ainda tem a oportunidade de fazer sentir ao governo que o Brasil tem condições de falar com mais facilidade do que os outros países e colocar na agenda medidas que sejam efetivamente factíveis, nas quais o Brasil é forte, que é produção de biomassa e comida.

Roberto Rodrigues
Ex-ministro da agricultura



Embaixador André Corrêa do Lago
Itamaraty



A Rio+20 representa uma grande oportunidade para o Brasil mostrar que é hoje vanguarda no equilíbrio na produção sustentável. Os países ricos cuidaram do econômico. Quando tiveram confusão social, incorporaram o social. Décadas depois começaram a se preocupar com o ambiental. Esse processo durou mais de 200 anos. Nós temos as três agendas, ao mesmo tempo. A Rio+20 será uma ocasião para frear certos cacoetes dos países ricos, mas também para colocar as prioridades dos países emergentes.

Na estrutura da conferência, o Brasil fez uma proposta inovadora para as Nações Unidas: a conferência formal, com três dias de negociação final do documento, e mais quatro dias de debates sem governo e com a participação de especialistas do mundo inteiro. O governo brasileiro medirá o êxito dessa conferência em três dimensões. A primeira, do ponto de vista multilateral. A segunda da maneira como o Brasil pode chamar os líderes e especialistas do mundo sobre temas-chave. A terceira dimensão é o efeito que isso terá sobre a sociedade civil mundial, inclusive a brasileira.

O setor privado brasileiro, sobretudo o agronegócio, mostrou que há possibilidade de haver equilíbrio entre o ambiental, o social e o econômico no processo produtivo. A meu ver, uma das conclusões da conferência será o fortalecimento do pilar ambiental da ONU para que se tenha maior equilíbrio com o social e o econômico. O que se deve propor na Rio+20 é a criação na ONU de um Conselho para o Desenvolvimento Sustentável.

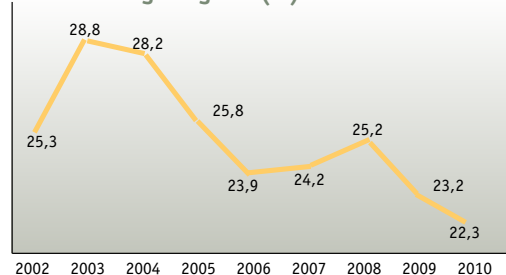
Conclamo ao governo para que seja introduzido na conferência o tema "Segurança alimentar e energética com sustentabilidade". O Brasil tem a obrigação de levar à ONU essa proposta, até pelo fato de a FAO, braço da ONU, que cuida de alimentação, ter hoje como diretor-geral, o brasileiro José Graziano da Silva. O governo deve fazer propostas concretas na Rio+20. Uma coisa que pode ser proposta, por exemplo, é anunciar o fim da tributação no biocombustível.

Balança comercial US\$ bilhões

Ano	Brasil		Agronegócio	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação
2005	118,3	73,5	44,7	43,6
2006	137,5	91,4	46,1	49,4
2007	160,6	120,6	40,0	58,4
2008	197,9	172,9	24,9	71,8
2009	152,9	127,7	25,2	63,1
2010	201,9	181,7	20,1	76,4
2011	256,0	226,2	29,7	94,5

Fonte: SECEX

Evolução da participação do PIB do Agronegócio (%)



Fonte: Cepea-USP

Vendas de Defensivos Agrícolas

Ano	Produto Comercial (t)	Ingrediente Ativo (t)	Valor US\$ milhões
2005	485.969	232.232	4.244
2006	480.120	238.716	3.920
2007	599.834	304.031	5.372
2008	673.892	312.637	7.125
2009	725.577	335.742	6.626
2010	790.790	342.593	7.304

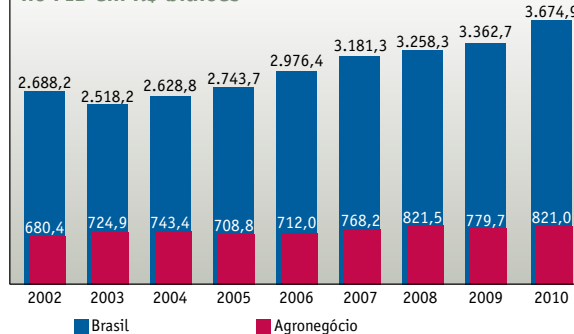
Fonte: Sindag

Vendas de Fertilizantes

Ano	milhões de t
2005	20,20
2006	20,90
2007	24,60
2008	22,42
2009	22,40
2010	24,51
2011	28,32

Fonte: Anda

Evolução do Agronegócio no PIB em R\$ bilhões



Fonte: IPEA - base de 2010

Vendas de Máquinas Agrícolas - Unidades

Ano	Tratores de roda		Tratores de esteira		Cultivadores Motorizados		Colheitadeiras	
	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas	Internas	Externas
2005	17.729	23.968	408	2.202	2.141	34	1.534	3.001
2006	20.435	16.532	300	2.593	1.857	46	1.030	1.867
2007	31.300	20.068	437	2.929	1.548	129	2.377	2.783
2008	43.414	23.056	720	2.726	1.852	13	4.458	3.579
2009	45.437	12.344	618	775	1.759	39	3.817	1.231
2010	56.420	14.171	878	1.754	1.807	128	4.549	2.261

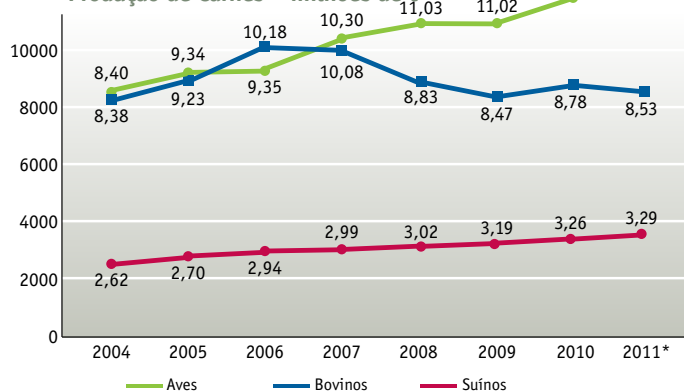
Fonte: Anfavea

Produção de Rações

Ano	milhões de t
2005	47,2
2006	48,3
2007	53,0
2008	58,6
2009	58,4
2010	61,5
2011*	64,0

Fonte: Sindirações
* estimativa

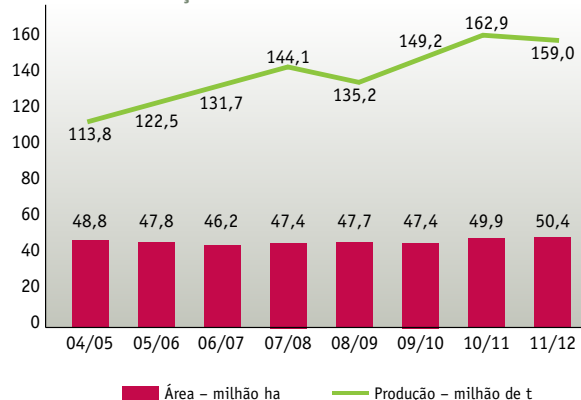
Produção de Carnes - milhões de t



Fonte: Conab / Sugof / Geole

*estimativa da Conab - Levantamento de Julho/2011

Área e Produção de Grãos



Fonte: Mapa /Conab - levantamento Dez/2011

EXPEDIENTE

Publicação oficial da Associação Brasileira do Agronegócio - ABAG. Presidente: Luiz Carlos Corrêa Carvalho. Vice-presidente: Francisco Matturo. Diretores: Alexandre Enrico Silva Figliolino, André Souto Maior Pessoa, César Borges de Sousa, Christian Lohbauer, Eduardo Daher, Glauber Silveira da Silva, Ingo Plöger, Luiz Lourenço, Marcello Brito, Mario Fioretti, Urbano C. Ribeiral e Weber Porto. Diretor Executivo: Eduardo Soares de Camargo. Diretor Técnico: Luiz A. Pinazza. Jornalista Responsável: Gislaiane Balbinot, MTBo65/MS. Fotógrafo Fórum: Luiz Alonso. Projeto Gráfico: Mister White. Impressão Gráfica: Margraf. Tiragem: 1.500 exemplares.

CONTATO ABAG: Av. Paulista 1754 - cj 147
São Paulo/SP - 01310-200 - Fone/Fax (11) 3285-3100
E-mail: abag@abag.com.br - Site: www.abag.com.br
twitter: @abag_brasil